

Rosely Carlos Augusto

APRENDER NA PRÁTICA:
NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE LIDERANÇAS CAMPONESAS, NO SERTÃO,
NORTE DE MINAS, NAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito
para obtenção do título de Doutor em Educação.
Linha de pesquisa: Educação, Cultura, Movimentos
Sociais e Ações Coletivas

Orientadora: Prof. Dr^a. Ana Maria Rabelo Gomes

Belo Horizonte
Faculdade de Educação da UFMG
2011

Rosely Carlos Augusto

APRENDER NA PRÁTICA:
NARRATIVAS E HISTÓRIAS DE LIDERANÇAS CAMPONESAS, NO
SERTÃO DO NORTE DE MINAS, NAS ÚLTIMAS TRÊS DÉCADAS

Tese apresentada à Faculdade de Educação da
Universidade Federal de Minas Gerais, como
requisito para obtenção do título de Doutor em
Educação.

Linha de pesquisa: Educação, Cultura,
Movimentos Sociais e Ações Coletivas

Orientadora: Prof^a Dr^a. Ana Maria Rabelo Gomes

Aprovado em: 25/02/2011

Banca Examinadora:

Andréa L. Moukhaiber Zhouri
Prof^a Dra. do Departamento de Sociologia e Antropologia da UFMG

Inês Assunção de Castro Teixeira
Prof^a. Dra. da Faculdade de Educação da UFMG

Lourdes Helena Silva
Prof^a Dra. Da Faculdade de Educação da UFV

Miguel Gonzalez Arroyo
Prof. Dr. Da Faculdade de Educação da UFMG

Ricardo Ferreira Ribeiro
Prof. Dr. Do Departamento de Sociologia da PUC/Minas

Dedico este trabalho:

Aos camponeses e camponesas do Norte de Minas,
narradores de histórias de vida, do gerais e caatinga, que na luta pela terra, por direitos e
pela defesa da agroecologia, aprendem e ensinam a dignidade do viver.

Às famílias brasileiras do campo que
se organizam, lutam e constroem cotidianamente, novas formas de saber, de viver e de sentir.

À Elói Ferreira da Silva,
em memória dos que tombaram na terra pelas mãos e violência do latifúndio para que o
direito à vida prevalecesse.

AGRADECIMENTOS

Enquanto produção teórica, uma tese é, paradoxalmente, um trabalho solitário e coletivo. Este trabalho é resultado de muitas e diversas contribuições, algumas diretas, outras menos, mas todas fundamentais para realizá-lo. A todos, meus sinceros agradecimentos.

Meus agradecimentos especiais às lideranças camponesas Alvimar, Antonio Inácio, Braulino, Custódio e Didi, Élzio, Filó, Izaldina, Joantina, José Lelis, Juarez, Lia, Oscarino e Ana, Rosário e Sr. Joaquim, Primo e Solange, que gentilmente e com as melhores expectativas abriram suas casas e dispensaram seu tempo para uma longa entrevista de história de vida e de luta. A eles e aos camponeses da região, dedico este trabalho.

Por meio deles também agradeço a contribuição fundamental das equipes da Comissão Pastoral da Terra Estadual e do Norte de Minas, de modo especial, a Paulo Faccion, Paulinha, Naiara, Reinaldo, Lucimere, Maria Zilah e ao Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas, muito especialmente a Carlinhos Dayrell.

Meus maiores agradecimentos dirijo ao pesquisador e companheiro de vida Michel Marie Le Ven a quem devo, com toda a certeza, a possibilidade real de realizar a pesquisa de campo percorrendo tamanhas distâncias. Meu agradecimento muito carinhoso pela solidariedade de todas as horas, pela paciência, pelo estímulo, pela interlocução qualificada. Obrigada com amor.

A minha orientadora de pesquisa, pelo acompanhamento atento às exigências da produção científica, pelas muitas ocasiões da aprendizagem coletiva com os colegas de orientação e pela oportunidade de aprendizagem sobre mim mesma.

A minha mãe, que me reserva suas mais especiais preces de força e coragem, que me inspira e me dá a certeza de que Deus é bom e está presente na recompensa de meu esforço.

A minha filha “predileta”, Camila e a meu neto Gabriel, primeiras inspirações, sempre. Seus largos sorrisos me inspiram mesmo quando tudo parece muito difícil.

À professora Maria Isabel Antunes Rocha, que acreditou nessa empreitada e me estimulou em sua primeira hora, meu muito obrigada.

A toda a equipe de trabalho da Licenciatura em Educação no Campo e do Programa Saberes da Terra, da FAE/UFMG - professores, estagiários e funcionários - que me estimularam e dividiram comigo as angústias do trabalho e da elaboração desta pesquisa.

Por meio de Nalva, Cristiane, Cida, Andréia e Alberto, agradeço de coração a todos e todas.

Às lideranças e aos educandos(as) da Licenciatura em Educação do Campo, turmas Dom Mauro e Vanessa dos Santos, agradeço o muito que aprendemos juntos nessa caminhada.

Aos professores Miguel Gonzalez Arroyo, João Batista de Almeida Costa e Andréa L. Moukhaiber Zhouri, por reconhecerem a importância deste trabalho e pelas contribuições à sua elaboração.

Aos professores Andréa L. Moukhaiber Zhouri, Inês Assunção de Castro Teixeira, Lourdes Helena Silva, Miguel Gonzalez Arroyo, Ricardo Ferreira Ribeiro, pela análise e contribuição crítica ao trabalho. À professora Inês meu carinho especial por suas sábias palavras no correr da pesquisa.

Aos muitos amigos e amigas que acompanharam o desenrolar deste trabalho - Suzana Escobar, Ana Maria Gonçalves, Maria Thereza, Cida e tantos outros - que de uma forma ou de outra me apoiaram.

A Margarida Maria Coelho Chaves pelo acolhimento e apoio terapêutico.

A Maria Antonieta Pereira, Mariana Licéia e Rejane Neves, pelo trabalho competente de revisão desta tese.

RESUMO

Este trabalho busca compreender e analisar a prática social de lideranças camponesas como *locus* de aprendizagens, saberes e valores que orientam a ação coletiva e constituem identidades políticas, manifestadas em suas trajetórias de engajamento social, no Sertão, Norte de Minas Gerais, nas últimas três décadas (séculos XX e XXI). Toma-se, assim, a *prática social* como dimensão formadora, complexa e inerente à vida social, e os movimentos e organizações sociais, como espaço e *locus* de *formação humana*, na prática, como definida por Jean Lave e Etienne Wenger (1991). Para realizar esta pesquisa, foram entrevistadas 13 lideranças, homens e mulheres, com idades entre 33 e 68 anos, envolvidas desde a década de 80 em movimentos sociais de luta por terra e direitos fundamentais. Suas narrativas abordam seus itinerários de vida, trabalho e formação *na luta*. Eles reconhecem nos movimentos sociais uma dimensão pedagógica e um princípio educativo que se desenvolve no próprio processo de experiências vividas na prática cotidiana. São lideranças camponesas pouco escolarizadas ou não escolarizadas, que produzem um saber prático, válido e útil à vida. Suas trajetórias políticas, que se iniciam na atuação em atividades comunitárias ou escolares e no ideário da Teologia da Libertação, ganharam visibilidade no novo sindicalismo da década de 80 e, mais recentemente, vêm se expressando em novas formas de luta pela terra e defesa de princípios ecológicos. Quando se auto-denominam como lavradores, geraizeiros, Sem Terra, habitantes de territórios de reforma agrária, agricultores familiares, guardiões do cerrado, camponeses, conhecedores populares, sindicalistas e ambientalistas, eles indicam o entrecruzamento intrincado de identidades, papéis sociais e práticas políticas, que marcam as histórias pessoais e as transformações coletivas – econômicas, políticas e culturais - produzindo um *patrimônio de experiências, valores e saberes eco-sociais*, que vão se formando, se transformando e se incorporando às trajetórias pessoais e sociais a cada *geração de lideranças* e no conjunto das *lutas sociais*. Trata-se de um entrecruzamento indissociável da experiência do tempo vivido e do pertencimento ao “lugar”: de identidade política e identidade territorial. Eles nos apresentam uma visão do conhecimento que se assenta na localidade e no senso comum, além de ser orientada para a prática. Baseando-nos na antropologia da aprendizagem, nas teorias sócio-culturais - da *atividade situada* ou *aprendizagem na prática* – como definida por Jean Lave e na visão crítica dos pós-colonialistas, como Boaventura Souza Santos e Arturo Escobar temos como objetivo contribuir para legitimar essas práticas e saberes sociais, assim questionando a *monocultura do saber* da ciência ocidental e do colonialismo do poder.

Palavras-Chave: aprendizagem na prática; narrativas; lideranças camponesas, movimentos sociais.

ABSTRACT

The goal of this paper is to comprehend and analyze the social practice of peasant leaderships as *locus* for experiences of learning, knowledge and values that guide the collective action and constitute political identities, manifested in their way into social engagement, in Sertão, Norte of Minas Gerais, in the last three decades (XX and XXI centuries). *Social practice* is, therefore, assumed as of instructive and complex dimension inherent to social life, and the social movements and organizations, as place and *locus* of human formation, in practice, as defined by Jean Lave e Etienne Wenger (1991) In order to make this research, 13 leaderships were interviewed, men and women, between 33 and 68 years old, involved since the 1980's in social movements in favor of land reform and fundamental rights. Their narratives approach their life itineraries, work and training training *on the fight*. They recognize in the social movements a pedagogical dimension and an educational principle that develops itself in the process of experiences lived on daily practice. They are peasant leaderships little educated or non-educated at all that produce a practical knowledge, valid and useful to life. Their political trajectory, that begins in communitarian or school activities and based on the ideas of the Liberation Theology, gained visibility through the new unionism in the 80's and, more recently, have been expressing itself through the new ways of fighting for land and the defense of ecological principals. When self-called farmers, geraizeiros, Sem Terra, inhabitants of areas of agrarian reform, family farmers, guardians of cerrado, peasants, popular connoisseurs, union men and environmentalists, they indicate the entanglement of identities, social roles and politic practices, that highly influence the personal trajectories and the collective changes – economic, politic and cultural – producing a heritage of experiences, values and eco-social knowledge, that keep appearing, transforming themselves and are incorporated into the personal and social histories of each generation of leaderships and in the body of social fights. It's about an unbreakable entanglement related to the experience of the lived time and sense of belonging to the “place”: of political and territorial identity. They present a view of knowledge that fits with the place and common sense, besides being oriented towards the practice. Based on the anthropology of learning, social-cultural theories - situated *activity or learning through practice* – as defined by Jean Lave and on the view of criticism of the post-colonialists, as Boaventura de Souza Santos and Arturo Escobar we have as a goal to contribute to legitimate these practices and social knowledge, questioning therefore the monoculture *of knowledge* of western science and of the colonialism of power.

Key words: learning through practice; narratives; peasant leaderships; social movements.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AQUILA –	Associação Quilombola da Lapinha
BRBio –	Projeto Biodiesel da Petrobrás
CAA/NM –	Centro de Agricultura Alternativa do Norte de Minas
Cáritas –	Cáritas Brasileira
CEBs –	Comunidades Eclesiais de Base
CPT –	Comissão Pastoral da Terra
CIMI –	Conselho Indigenista Missionário
CEDEFES –	Centro de Documentação Elói Ferreira da Silva
EMBRAPA –	Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
FASE –	Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional
FEAB –	Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil
FETAEMG –	Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de MG
FETRAF –	Federação dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar
INCRA –	Instituto de Colonização e Reforma Agrária
IBAMA –	Instituto Brasileiro de Meio Ambiente
MDA –	Ministério do Desenvolvimento Agrário
MAB –	Movimento dos Atingidos por Barragem
MMC –	Movimento de Mulheres Camponesas
MPA –	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST –	Movimentos dos Trabalhadores Rurais Sem Terra
N'golo –	Federação das Comunidades Quilombolas de Minas Gerais
OIT –	Organização Internacional do Trabalho da ONU
PJR –	Pastoral da Juventude Rural
STR –	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais
SINTRAF –	Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras na Agricultura Familiar
UFMG –	Universidade Federal de Minas Gerais
UFV –	Universidade Federal de Viçosa
UNESP –	Universidade Estadual Paulista

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO:

NARRATIVA E APRENDIZAGEM NA PRÁTICA DA LUTA SOCIAL CAMPONESA	12
a) Narrativa e aprendizagem na prática social camponesa	23
b) Os caminhos da pesquisa de campo	23
b.1 <u>Opções metodológicas e história oral</u>	27
b.2 <u>Sujeitos da pesquisa de campo</u>	31
b.3 <u>Aproximações do campo e dos sujeitos de pesquisa</u>	32
b.4 <u>A entrevista narrativa – uma relação social e uma espécie de amor intelectual</u>	34
b.5 <u>A compreensão e a análise das entrevistas</u>	42

CAPÍTULO 1

GERAÇÕES DE LAVRADORES: SUJEITOS POLÍTICOS, IDENTIDADES E TRAJETÓRIAS DE LIDERANÇAS	48
1.1 Gerações de lavradores: agricultores familiares e tradicionais, posseiros, sem-terra, quilombolas, agregados	50
1.1.1 <u>Antônio Inácio</u>	50
1.1.2 <u>Élzio Alves Pereira</u>	51
1.1.3 <u>Filogônio Francisco da Silva</u>	53
1.1.4 <u>Alvimar Ribeiro dos Santos</u>	54
1.1.5 <u>Juarez Teixeira Santana</u>	55
1.1.6 <u>Oscarino Cordeiro Aguiar</u>	56
1.1.7 <u>Braulino Caetano de Souza</u>	57
1.1.8 <u>Custódio Camilo do Carmo</u>	60
1.1.9 <u>Jose Lelis Neto</u>	61
1.1.10 <u>Edvaldo Soares dos Santos (Primo)</u>	63
1.1.11 <u>Maria do Rosário Oliveira Costa</u>	64
1.1.12 <u>Maria Antonia Nogueira (Lia)</u>	67
1.1.13 <u>Izaldina Fernandes da Silva</u>	69

1.2 Identidades e trajetórias coletivas.....	70
1.3 O <i>lugar</i> de pertencimento, a família e o sentido da terra.....	79

CAPÍTULO 2

O SERTÃO DO NORTE DE MINAS: COLONIZAÇÃO E INVISIBILIDADE DO *OUTRO*.....

2.1 A expansão de fronteira colonial sobre os sertões nordestino e norte-mineiro.....	88
2.1.1 <u>A tradição latifundiária e a dialética de seu <i>outro</i> - o camponês “sertanejo”</u>	91
2.1.2 <u>A dialética do <i>outro</i>: formação dos camponeses, das fronteiras e alteridades</u>	97
2.2 “Invenção do sertão”: terras inférteis, populações invisíveis e pobres.....	109
2.3 O Polígono da Seca e a modernização da agricultura no século XX: uma nova e atual invasão colonizadora nos sertões de Minas Gerais.....	117
2.3.1 <u>A concentração da terra e o processo de desterritorialização das populações locais, em fins do século XX</u>	120

CAPÍTULO 3

“QUANDO O CAPIM E O EUCALIPTO TOMAM O LUGAR DO HOMEM”: FINAIS DO SÉCULO XX NAS NARRATIVAS DAS *GERAÇÕES DE LIDERANÇAS*.....

3.1 “ <i>Uma época de uma grande ilusão</i> ”: o processo de desterritorialização das populações locais e a pedagogia colonizadora	128
3.1.1 <u>Lembranças da expropriação e da migração</u>	138
3.2 “ <i>Já chega de tanto sofrer/ já chega de tanto esperar/ a luta vai ser tão difícil/ na lei ou na marra nós vamos ganhar</i> ”: luta pela terra e sujeitos políticos emergentes.....	145
3.2.1 <u>“Então foi um dos momentos mais difícil que teve”</u> : o sindicalismo e a Igreja na década de 80.....	147
3.2.2. <u>Lutas sociais e Igreja</u>	163
3.2.3. <u>“A reforma agrária fez parte da nossa caminhada”</u> : posseiros, parceiros, sem-terra.....	169
3.3 Novas formas de lutas e novos sujeitos políticos: sem terra, Sem Terra, quilombolas, geraizeiros.....	178
3.3.1 <u>“A reforma agrária pra nós é isso: lutar enquanto tiver latifúndios no nosso país”</u> : Sem Terra e quilombolas.....	179
3.3.2 <u>“Para o agricultor, mercado, empreendedorismo, vender... é um mistério”</u> : a Cooperativa Agroextrativista Grande Sertão Veredas.....	191

3.4 “Os outros partidos diziam que aquele petezinho não fazia diferença nenhuma e tal”: a prática partidária.....	203
---	-----

CAPÍTULO 4

“A LUTA APRESENTA A EDUCAÇÃO”: PRÁTICA SOCIAL E SABERES DE <i>GERAÇÕES DE LIDERANÇAS</i> CAMPONESAS, NO SERTÃO, NORTE DE MINAS.....	211
---	-----

4.1 “A gente descobre, assim, que é diferenciado”: tornar-se liderança na aprendizagem na prática das lutas sociais.....	220
--	-----

4.2 Os patrimônios de saberes e valores incorporados na luta de <i>gerações de lideranças</i>	226
---	-----

4.2.1 “ <u>A luta é uma escola</u> ”	229
--	-----

4.2.2 “ <u>lutar pelos direitos, pela justiça, não é pecado</u> ” - o saber que brota da indignação e da necessidade	235
--	-----

4.2.3 “ <u>nasce da necessidade, da oportunidade e cresce na coragem de lutar</u> ”: o saber brota da necessidade radical de mudar.....	240
---	-----

4.2.4 “ <u>...dessa história que não está escrita, mas está escrita na caminhada</u> ”: imaginário, memória, história e diferenças culturais como valores fundantes nos legados das lutas e das trajetórias de “ <i>gerações de lideranças</i> ”	242
--	-----

4.2.5 “ <u>uma enorme vontade que eu tive de mostrar o quê que eu era na roça</u> ”; “ <u>não era uma vida normal não</u> ”; “ <u>na política sindical também tem violência</u> ”: relações de gênero, valor da liberdade e da democracia.....	247
--	-----

4.2.6 “ <u>quando dá fé vem Vilmar... quando dá fé vem Paulo também... quando dá fé vem Augusto Fraga</u> ”: o saber que vem da participação, do companheirismo e do grupo.....	254
---	-----

4.2.7 <u>O aprendizado “dos direitos e deveres</u> ”: as habilidades do saber-fazer e do saber-ser liderança das organizações camponesas e na luta pela terra – o quê, com quem, como?.....	258
---	-----

4.3 Experiências significativas no aprendizado da luta.....	269
---	-----

4.4 “A terra é como um útero materno”: patrimônios de saberes e valores incorporados na terra.....	274
--	-----

4.4.1 “ <u>A reforma agrária é mais do que um pedaço de terra</u> ”: conquistar a terra e <u>fazê-la produzir</u>	277
---	-----

4.4.2 “ <u>O cerrado é o bioma mais comunicativo</u> ”; “ <u>a gente faz parte dele e ele faz parte do homem</u> ”: o saber socioecológico que brota da relação homem-natureza.....	282
---	-----

4.4.3 “No jeito de plantar tem uma ciência”: diálogos de saberes - “agroecologia”, “comunidade de prática” e “ecologia de saberes”	292
4.4.4 <u>Uma “comunidade de prática”: ciência e tecnologia apropriada; prática engajada; relações de poder</u>	296

CAPÍTULO 5

NARRATIVAS, SIGNIFICADOS E UTOPIAS ACERCA DA ESCOLA, NO SERTÃO DE MINAS GERAIS.....310

5.1 A realidade da escola e da infância no Sertão de Minas Gerais, na segunda metade do século XX.....310

5.2 Os significados da escola, no Sertão de Minas.....324

5.3 Práticas de letramento na *comunidade de prática* dos camponeses.....331

5.4 Uma escola “*parada no meio da estrada*”: Juventude e atualidade.....335

5.5 A utopia de uma escola “ao pé da letra”: mudar a política educacional e o fazer pedagógico.....338

5.6 Das lutas e experiências alternativas de educação *no campo* à educação *do campo* como política pública.....344

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....349

REFERÊNCIAS.....358

APÊNDICES 373

APÊNDICE A: TERMOS DE ESCLARECIMENTO..... 374

APÊNDICE B: TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....375